

Fatores de risco em famílias de adolescentes em acolhimento institucional

*Edson Júnior Silva da Cruz**

*Janari da Silva Pedroso***

*Líliã Iêda Chaves Cavalcante****

*Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke*****

RESUMO

Na dinâmica das famílias em situação de vulnerabilidade os estudos mostram que estão presentes diversos fatores de risco à saúde e ao desenvolvimento do adolescente. Assim, o presente estudo objetivou identificar esses fatores de risco em famílias de adolescentes em acolhimento institucional. Participaram da pesquisa quatro familiares que foram representados por três mães e uma avó, sendo estas as responsáveis pela guarda de seus filhos/netos acolhidos. Para alcançar este propósito foi aplicado o genograma, diário de campo e coletados dados biossociodemográficos. Os resultados demonstraram que essas famílias apresentam sistemas complexos, pois se identificou diversas formas de violência na relação entre os seus membros e que não havia clareza e definição dos papéis e limites. Além disso, notou-se o fenômeno da transgeracionalidade, nas questões de: violência física, envolvimento com álcool e drogas e abuso sexual intrafamiliar.

Palavras-chave: Fatores de risco; adolescentes; acolhimento institucional

Risk factors in adolescents from families in residential care

ABSTRACT

In the dynamics of families in vulnerable situations, studies show that there are many risk factors to the health and the development of adolescent. So this study aimed to identify risk factors in families of adolescents in residential care. The participants were four family members, three mothers and one grandmother, responsible for the adolescents. To achieve this purpose, it was made the genogram, field diary and were collected data biossociodemographic. The results showed that these families had complex systems, because it was identified among their members many forms of violence, it was not clear the definition of the roles and limit. Besides, it was noticed that the physical, psychological and sexual violence, and the involvement with alcohol and drugs were identified as transgenerational phenomena.

Keywords: Risk factors; teenagers; institutional care

* Doutorando em psicologia; Mestre em psicologia - Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – PPGP/UFPA.

** Psicólogo, Mestre e Doutor em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental UFPA/NAEA). Pós-Doutorado em Psicologia (UCB). Professor Associado 1 da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP/FAPSI/UFPA. Coordena o Laboratório de Desenvolvimento e Saúde – LADS/UFPA.

***Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Docente do Programa de Pós-Graduação de Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará- UFPA.

****Doutora em Psicologia e Sexologia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica; *Fullbright Scholar* na *St. John's University*, New York, Estados Unidos. Pós-doutorada na Universidade de Tübingen, Alemanha. Professora Emérita da Universidade de Brasília, UNB. Professora da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, UCB. Coordenadora do Grupo Trabalho: Família, Processos de Desenvolvimento e Promoção da Saúde, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP. Pesquisadora produtividade CNPq.

Nas últimas décadas, as famílias têm passado por diversas mudanças estruturais e funcionais, e vários são os determinantes que explicam as alterações. Os motivos mais identificados na literatura são: a entrada da mulher no mercado de trabalho, a maior participação dos pais nos cuidados dos filhos, a permanência dos adultos na casa de seus genitores, o aumento do tempo de vida e o surgimento de novos casais como: recasados, com filhos, sem filhos, casais homossexuais (Carter & McGoldrick, 2011; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006).

Do ponto de vista da Teoria Sistêmica, os grupos familiares e suas dinâmicas precisam ser compreendidos como um sistema semiaberto, inseridos em diversos contextos interconectados, e que contemplam desde o ambiente natural em que vivem seus membros até os sistemas em que se encontram a estrutura política e cultural da sociedade em que a mesma está inserida (Zappe & Dias, 2012). A teoria sistêmica procura demonstrar também que os subsistemas familiares envolvem indivíduos em suas relações de díades, tríades e outras que compõem a família, sendo estes determinados de acordo com o sexo, a geração, o interesse ou as funções executadas por seus membros (Kruger, 2010; Minuchin, 1990).

As formas diferenciadas como a família se organiza e interage para fazer face às exigências funcionais do sistema familiar constituem-se em processos que devem ser investigados e entendidos em sua dinamicidade. Contudo, esta não é uma tarefa fácil, pois a dinâmica familiar não é facilmente observada, sendo expressa pelos seus funcionamentos e interações entre seus subsistemas por meio da comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1993).

Entre as formas de comunicação encontradas no sistema familiar, sobressaem-se as chamadas lealdades invisíveis que podem ser ou não saudáveis e que fazem ligações entre gerações passadas e futuras numa família. A lealdade (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973) pontua tanto uma atitude grupal quanto uma forma de característica individual. Entretanto, o grau de lealdade dependerá da atuação de cada pessoa dentro do seu espaço, o que se deve a função que lhe é delegada de acordo com as dinâmicas familiares.

Na família como em outros grupos, a lealdade geralmente tem como principal objetivo a manutenção da existência do próprio sistema. Imber-Black (1994) salienta que os segredos também podem estar presentes nas dinâmicas familiares, sendo que isto pode mistificar e distorcer os processos de comunicação, moldar díades, formar triangulações, estabelecer alianças encobertas,

divisões ou rompimentos e determinar a intimidade ou o distanciamento nas relações (Bucher-Maluschke, 2012; Penso Costa, Almeida & Ribeiro, 2009).

Um aspecto a ser considerado em relação ao funcionamento do sistema familiar, diz respeito aos conteúdos e formas de comunicação que perpassam gerações, que aqui podem ser chamadas de repetição transgeracional de padrões comportamentais. Em algumas famílias, os padrões são percebidos mais facilmente nas relações cotidianas (por exemplo: valores e atitudes comuns entre os membros de uma mesma família). Enquanto que, em outras, tornam-se obscuros e são mais difíceis de serem apreendidos (Cunha & Wendlig, 2011; Rezende, Krom & Yamada, 2003).

Entende-se que a família é demarcada por fronteiras nas quais as barreiras invisíveis que envolvem o indivíduo e seus subsistemas regulam o contato deste com os outros. A nitidez das fronteiras apresenta-se como um fator importante para a análise do funcionamento e da dinâmica da família, pois revela maior ou menor funcionalidade desse grupo. Minuchin e Fishman (1990) referem que os estabelecimentos de regras podem sinalizar possíveis patologias já que tanto fronteiras rígidas quanto difusas denotam, em algum nível, um padrão disfuncional do funcionamento familiar (Watzlawick, Beavin & Jackson 1993).

Outro ponto importante para ser observado nas gerações familiares são os conflitos. Esses muitas vezes geram fatores de risco para os seus membros, pois em muitas situações os conflitos se repetem e a linearidade familiar pode se manter com o decorrer do tempo, por conta do consenso existente entre as sucessivas gerações na mutualidade de experiências (Bucher-Maluschke, 2012). Portanto, os conflitos mal resolvidos numa geração, tendem a se repetir nas sucessivas gerações, o que pode ser preocupante, já que tal ação se torna um fator de risco inerente às famílias, como por exemplo, a violência doméstica, o abuso sexual, o envolvimento com álcool e drogas, dentre outros (Baía, Veloso, Habigzang, Dell'Aglio & Magalhães, 2015; Hildebrand, Celeri, Morcillo & Zanolli, 2015; Carlos, Ferriani, Esteves, da Silva, & Scatena, 2014; Castro & Teodoro, 2014; Minuchin, Nichols & Lee, 2009; Santos & Dell' Aglio, 2009; Habigzang, Koller, Azevedo & Machado, 2005; Leifer, Kilbane & Kalick, 2004).

É importante entender que independente do status socioeconômico, frequência de conflitos, nível de comunicação e reciprocidade, grau de intimidade e nível de ligação emocional, a família pode ter um papel decisivo no desenvolvimento de comportamentos antissociais entre seus membros. Geralmente esse tipo de atitude

está relacionado ao fato de os pais não proporcionarem o cuidado adequado aos seus filhos, ou seja, quando a relação é gerada por conflitos, agressões físicas, abandono e até mesmo a negligência (D'Abreu & Marturano, 2010).

Nos casos em que a família não consegue desempenhar a função esperada de proteção da criança e do adolescente e quando outros dispositivos sociais e educacionais não apresentam resultados, são tomadas medidas protetivas preconizada em lei, como a permanência em uma instituição de acolhimento. O acolhimento é a sétima medida de proteção prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que deve ser aplicada sempre que os direitos da criança e do adolescente forem ameaçados ou violados, que configura graves riscos. Segundo esta legislação, a medida de proteção que determina o acolhimento institucional da criança e ou do adolescente deve vislumbrar a provisoriedade dessa condição e buscar de forma empenhada a sua reintegração ou reinserção familiar. Também, os vínculos familiares e comunitários devem ser incentivados até que tais situações sejam alteradas ou superadas de modo significativo (Brito, Rosa, & Trindade, 2014; Abaid & Dell' Aglio, 2014; Cavalcante, Silva e Magalhães, 2010; Brasil, 2009). Diante de tal discussão, o presente estudo tem o objetivo de identificar os fatores de risco em famílias de adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional na região metropolitana de Belém.

MÉTODO

Tipo de Pesquisa: Estudo de Casos Múltiplos

O método utilizado na pesquisa foi o estudo de casos múltiplos (Yin, 2010), em uma abordagem qualitativa. A pesquisa utilizou múltiplas fontes de evidências com triangulação dos instrumentos de coleta (entrevista do genograma e diário de campo). Os dados foram organizados sistematicamente em categorias com características comuns aos casos estudados.

Participantes *Adolescentes*

Foram selecionados cinco adolescentes nomeados ficticiamente sendo três meninos e duas meninas (dentre eles uma dupla de irmãos, Jéssica e Jeová). Os participantes foram: Evaristo (17 anos), Raissa (17 anos), Jéssica (13 anos), Jeová (12 anos) e Arthur (12 anos). Foi observado que o tempo de acolhimento compreendia entre seis meses a nove anos, e os principais motivos apontados pela equipe técnica para entrada na instituição foram: aban-

dono, suspeitas de abuso sexual, fuga do lar e violência doméstica. Os critérios de inclusão para a seleção dos adolescentes foram que estes vivessem em instituições de acolhimento, residissem na instituição há pelo menos seis meses e que tivessem contato com algum membro de sua família.

Familiares

Foram selecionados familiares apontados pela equipe técnica das instituições aqueles tidos como os principais responsáveis pelos adolescentes, sendo que estes poderiam ser tanto os pais como qualquer membro que pudesse informar sobre a história e estrutura da família do adolescente. Excluíram os familiares com transtornos mentais ou que apresentassem alguma forma de risco à vida do adolescente.

Participaram da pesquisa três mães que receberam os nomes fictícios de Alice (mãe de Evaristo), Roberta (mãe dos irmãos Jéssica e Jeová) e Fátima (mãe de Arthur) e, uma avó da adolescente Raissa que recebeu o nome de Glória. As idades das participantes variaram entre 28 a 64 anos.

Local de pesquisa

A coleta de dados com os adolescentes e seus familiares ocorreu em três instituições de acolhimento da região metropolitana de Belém, sendo duas organizações governamentais, mantidas pela Prefeitura Municipal e uma organização não governamental (ONG). O primeiro local que foi realizada a pesquisa foi em uma ONG, que será nomeada como Instituição A. O segundo local de realização da pesquisa foi definido como Instituição B que é um espaço de acolhimento para meninas dos 12 aos 18 anos incompletos. E por fim, a última instituição participante foi um espaço de acolhimento para crianças e adolescente de 7 a 17 anos que aqui será chamado de Instituição C.

INSTRUMENTOS

Entrevista do genograma

Utilizou-se o genograma apresentado por McGoldrick, Gerson e Petry (2010), que propõe compreender como se organiza os padrões familiares a partir da investigação ao menos das três últimas gerações da família. Mapeia a estrutura familiar na identificação dos padrões comportamentais, das relações e o funcionamento da família na perspectiva nuclear e transgeracional.

Diário de campo

O diário de campo foi utilizado com o objetivo de registrar, em tempo real, atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo de pesquisa. Por meio do registro pode se estabelecer relações entre as vivências do pesquisador e o aporte teórico. Os registros foram sempre datados, identificando os sujeitos envolvidos, o local, a situação observada, as condições que puderam interferir na coleta, a influência da rotina e as normas institucionais.

Procedimento de coleta de dados

O genograma foi construído com o adolescente e o membro familiar a partir de uma entrevista que contemplavam questões referentes aos conflitos familiares, estruturas, papéis, funções e formas de se relacionar. Os símbolos utilizados no genograma foram os baseados do modelo de McGoldrick, Gerson e Petry (2010) que representam os membros das famílias e suas relações. A elaboração do genograma sempre é iniciada pela família atual, que, geralmente, é a família consultante. Utilizou-se

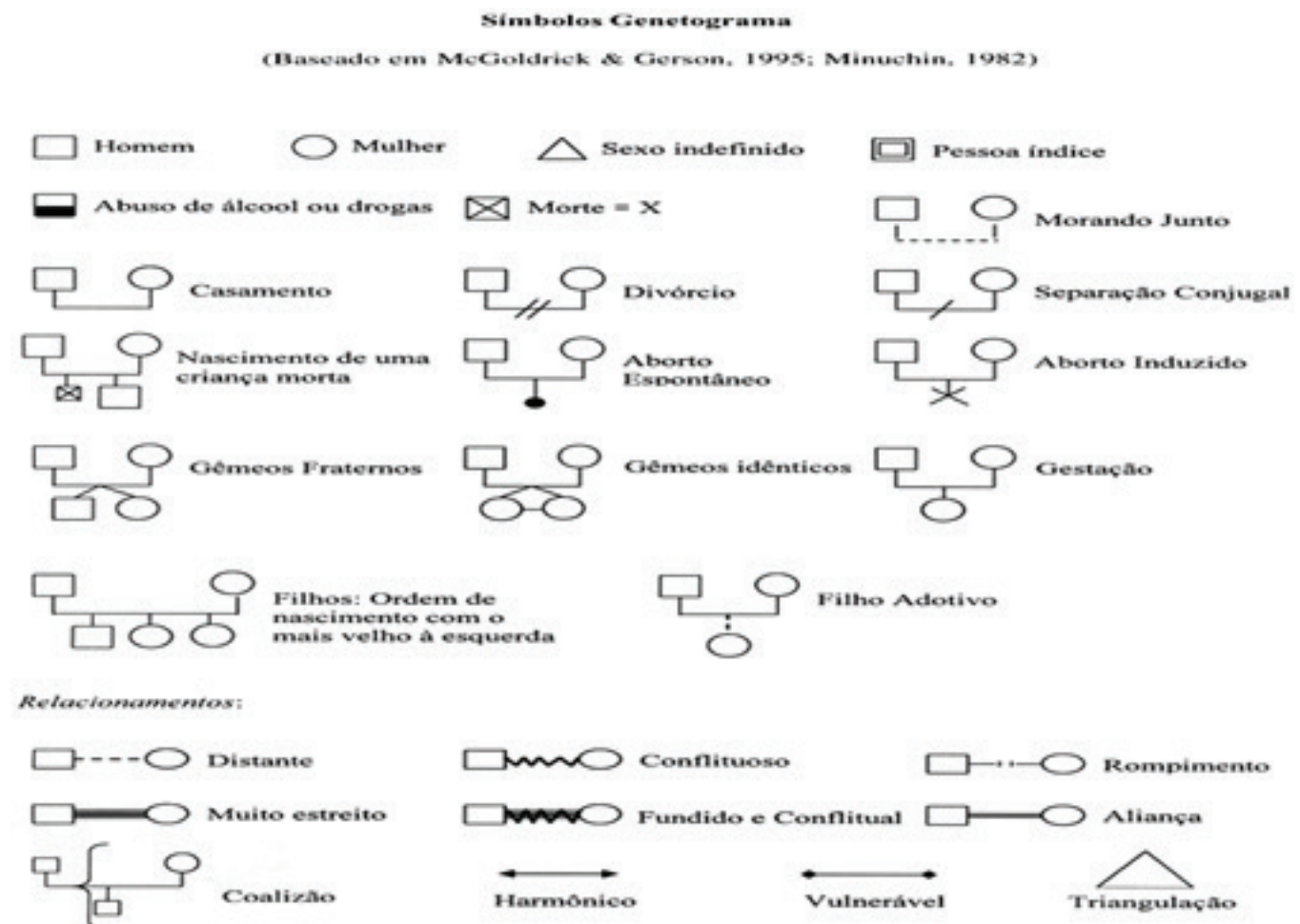
o símbolo quadrado para designar o homem e o círculo para representar a mulher, as relações conflituosas foram sinalizadas por linhas em zig-zague e estão representadas neste estudo pelas cores azul, verde e vermelho. A figura abaixo ilustra os símbolos do genograma.

O diário de campo auxiliou nas observações referentes como os participantes se comportavam diante das aplicações dos instrumentos e as percepções, sentimentos mobilizados no pesquisador.

Procedimento de análise de dados

Os dados do genograma foram analisados por uma perspectiva transgeracional e sua representação gráfica foi feita pelo programa *Genopro*, que gerou uma extensa base de dados. Após isso, foram analisadas quais as categorias que eram comuns na repetição transgeracional nos quatro casos estudados, nomeadas como: violência física, envolvimento com álcool e drogas e abuso sexual. E com o diário de campo foi possível registrar as

Figura 1- Símbolos do genograma.



atitudes dos sujeitos da pesquisa, por suas falas, gestos, expressões corporais e demonstração de determinadas emoções, como choros e risos. Essas informações foram importantes para qualificar as análises.

Procedimentos éticos

Para o desenvolvimento deste estudo, a primeira providência foi obter autorização judicial para realização de visitas sistemáticas aos espaços de acolhimento, o que favoreceu o livre acesso às dependências da instituição, aos arquivos com documentos sobre a trajetória de vida e sua condição sociofamiliar. Este projeto está registrado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o registro CAAE 18184714.3.0000.0018, e o Parecer nº 568.256.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrição dos casos

Caso I: Alice (mãe) e Evaristo (filho)

Evaristo tem 17 anos e está acolhido há nove, o adolescente já foi destituído do poder familiar, porém voltou a ter contato com sua família. O motivo apontado para sua inserção no espaço de acolhimento foi por ter sofrido violência doméstica por parte de sua mãe. O adolescente tem mais quatro irmãos, sendo uma mais

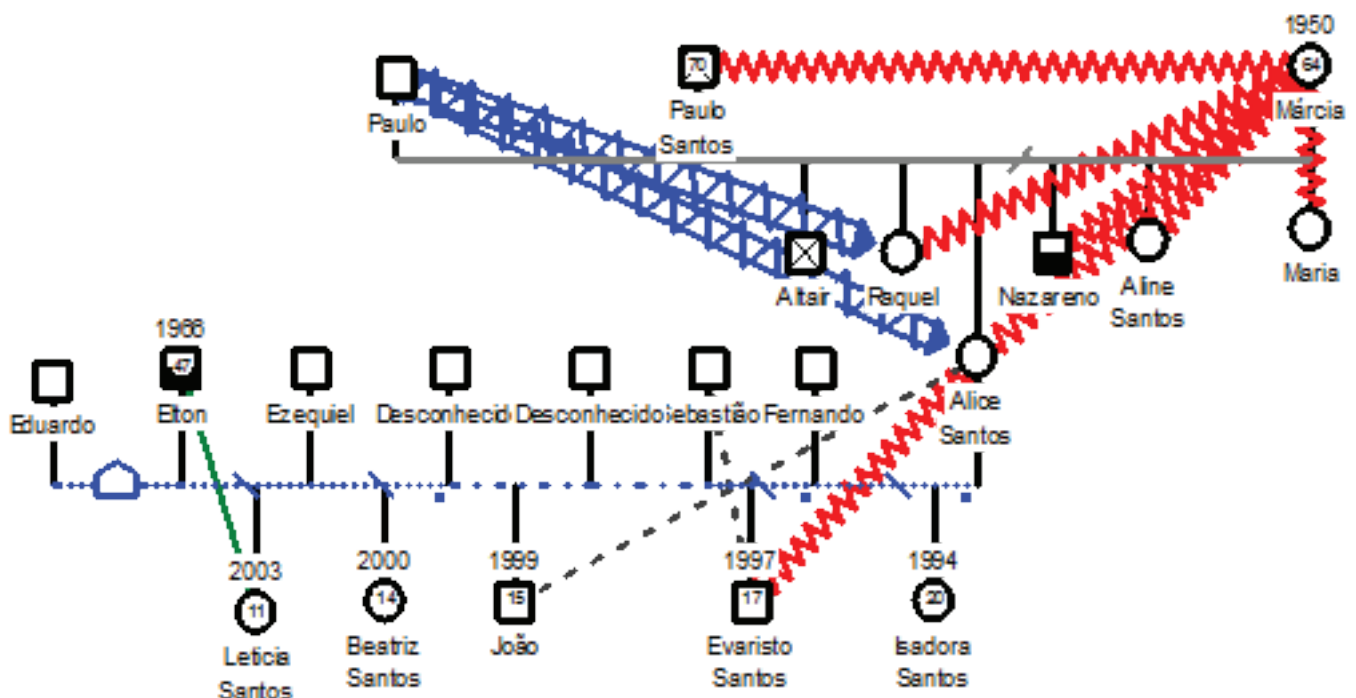
velha e três mais novos. Destes quatro, um foi criado pela sua tia materna desde seu nascimento, vale enfatizar que Evaristo e seus irmãos são filhos de pais diferentes. A figura 1 demonstra a configuração da família de Alice e Evaristo nas três últimas gerações.

Na família do adolescente foi possível identificar algumas situações que são consideradas fatores de risco, dentre estas, destaca-se o uso de drogas identificado no tio materno Nazareno e em mais dois primos. Alice comunicou que a maioria dos seus membros familiares bebem, principalmente, seus irmãos e os tios maternos.

Pode-se observar a partir do genograma que a violência doméstica é um padrão que se repete em várias gerações, pois foi observado várias formas de violência praticada entre os membros familiares, por exemplo, as tias maternas de Evaristo sofreram agressões físicas de seus companheiros conjugais, Alice já bateu em sua tia e sua mãe apanhava muito de seu pai, que consequentemente batiam muito nos seus filhos.

Esse quadro de violência doméstica na história de Alice refletiu na sua relação com seus filhos, pois todos apanhavam de sua genitora, principalmente, os dois mais velhos. Isso demonstra que Alice utilizava de práticas violentas para a imposição de regras para disciplinar o comportamento dos filhos. Alice informou que ela e sua irmã foram molestadas sexualmente por seu padrasto

Figura 2- Genograma da família de Evaristo



quando eram adolescentes que foi relatado para mãe, mas a mesma não tomou nenhuma providência.

A família de Alice também tem um histórico de gravidez na adolescência, pois elas, sua mãe e suas irmãs engravidaram antes chegarem na fase adulta e todas se casaram com homens mais velhos. Pode-se perceber após a construção do genograma que Alice e consequentemente seus filhos tiveram pouco contato com seu pai/avô, tanto que a mesma nada informou sobre o pai.

Caso II: Glória (avó) e Raissa (neta)

Raissa é uma adolescente de 17 anos e está acolhida há sete meses devido à suspeita de abuso sexual por parte de seu padrasto, a garota é a terceira de seis irmãos, sendo que três irmãos são por parte do pai e os outros filhos por parte da mãe. A adolescente não possui contato com sua família, o genograma de Raissa foi montado a partir do relato de sua avó materna. Glória (avó) possui pouco contato com seus filhos, já que um mora no interior do estado, outro vive num centro de reabilitação e sua filha mora nos Estados Unidos. Sua filha Karina tem duas filhas e que foram criadas e registradas pela avó.

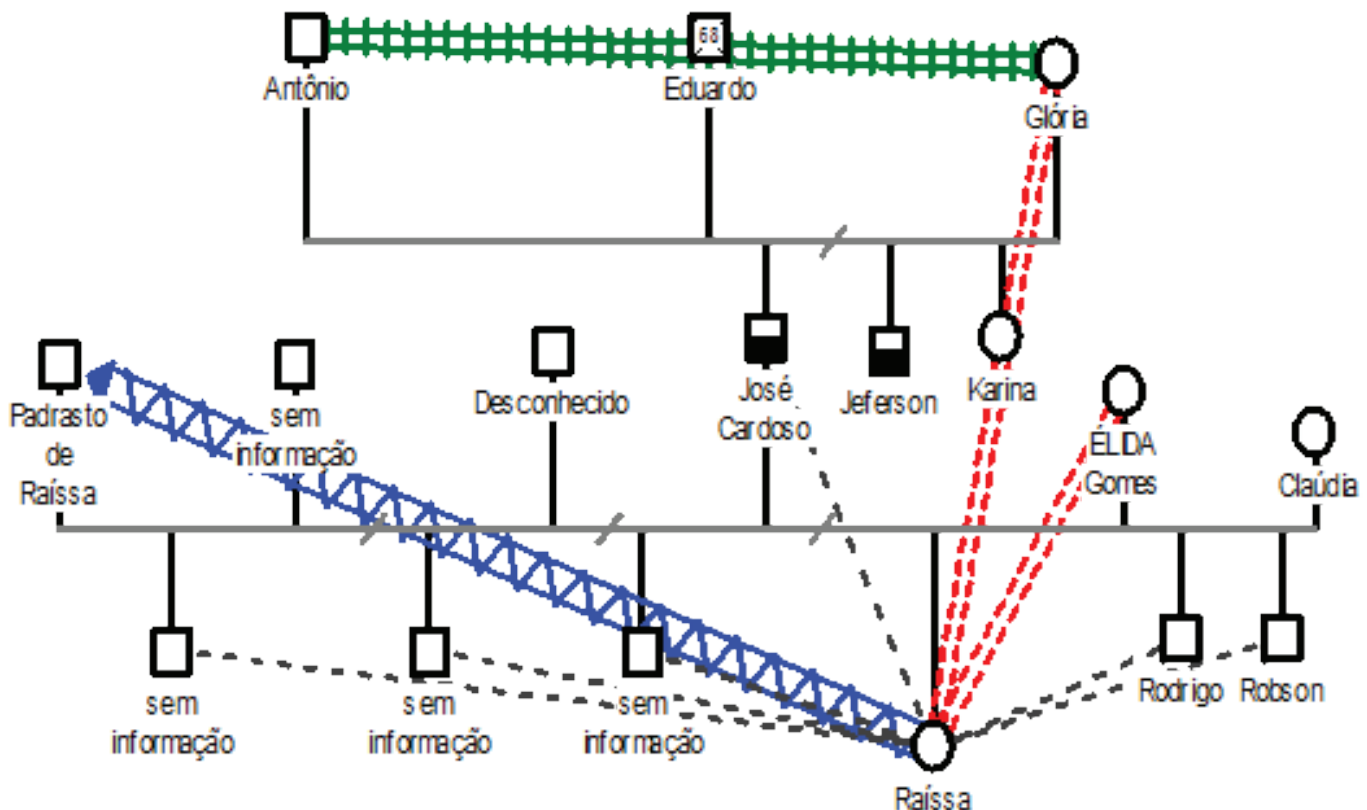
Percebe-se que há um pouco contanto entre os parentes dessa família.

INSERIR FIGURA 3 AQUI

Raissa foi registrada no nome de seu tio Jeferson que é usuários de drogas, atualmente vive num centro de reabilitação e já morou na rua. Segundo Glória, seu filho chegou a parar de usar drogas, mas depois de um período voltou a consumi-las. No genograma de Raissa, pode-se observar um quadro de violência doméstica sofrida por sua genitora e há uma suspeita de abuso sexual por parte do padrasto, tanto que a adolescente participa de um programa social do governo estadual que é específico para vítimas de violência sexual.

José, o pai de Raissa já foi usuário de drogas, mas hoje é pastor evangélico e não quer mais ter contato com a filha, tendo orientado a sua mãe “a largar a menina de mão”, pois a adolescente tem um histórico de fugas do lar e passagem pelo conselho tutelar. Sobre a família materna de Raissa há pouca informação, sabe-se que sua mãe é a filha mais velha de três irmãos e nunca conheceu seus pais. A mesma tem quatro filhos (cada um de um pai), sendo Raissa a mais velha.

Figura 3- Genograma da família de Raissa.



Caso III- Roberta (mãe) e Jéssica e Jeová (irmãos)

O genograma sobre a história de Jéssica e Jeová foi construído a partir do relato de sua mãe Roberta de 28 anos e dos dois adolescentes. Jéssica e Jeová são os filhos mais velhos de quatro irmãos. Ambos têm 13 e 12 anos respectivamente e seus outros dois irmãos tem a idade de sete e seis anos, sendo uma menina e um menino. Os grupos de irmãos estão acolhidos há oito meses, pelo fato de Jéssica ter fugido de casa por causa dos maus tratos do avô paterno.

Roberta tem 28 anos, já foi usuária de drogas e álcool, teve sua primeira gravidez aos quatorze anos e relatou ter sofrido violência doméstica de seu marido. Roberta relatou que na sua adolescência fugia muito de casa em função dos conflitos com seu pai e quando retornava apanhava muito da sua irmã Rosa. Foi informado que Rosa é casada e ela e a irmã já brigaram devido às intrigas do cunhado, quando perguntado o porquê de tal intriga, Roberta relatou que: “Nosso santo não se bate”. A terceira irmã de Roberta se chamava Camila e faleceu aos sete anos em consequência de um tumor na cabeça. O seu outro irmão se chamava Romulo, que era usuário de drogas e morreu aos 17 anos atropelado por um carro ao sair de uma festa.

O pai de Roberta se chama Rafael, tem 72 anos, já foi alcoólatra e atualmente mora no interior do Pará. Ela relatou que a relação com o pai era conflituosa, que o mesmo a agredia muito verbalmente e que ela se sentia excluída da família. Em relação a mãe pouco se recorda,

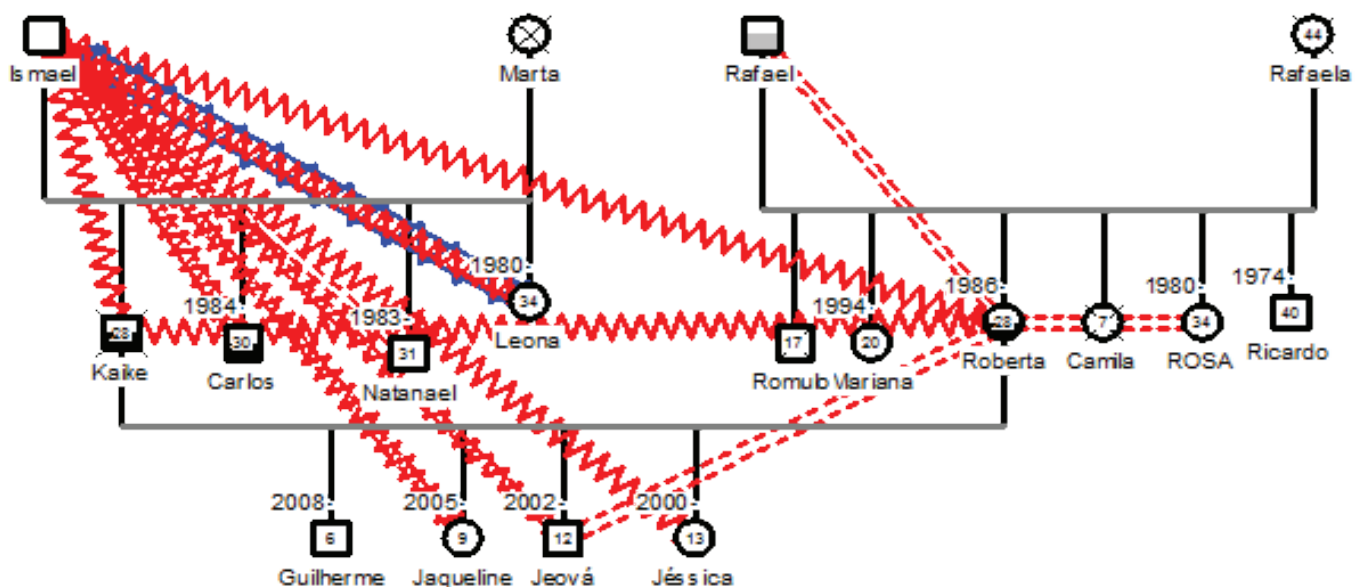
pois essa morreu aos quarenta e quatro anos de derrame e na época Roberta tinha cinco anos.

Após relatar a configuração de sua família biológica, Roberta informou como era composta a família do pai de seus filhos. O pai se chamava Kaike e morreu devido a seu envolvimento com o tráfico de drogas, na época com 28 anos, tendo passado um ano e oito meses na prisão. O assassinato ocorreu na frente de seu filho Jeová e a tragédia foi divulgada nos jornais locais.

Segundo Roberta, Kaike tinha três irmãos. Sua irmã mais velha se chama Leona, tem 34 anos, é filha adotada e relatou que a sua ex-cunhada sofreu abuso sexual por parte do pai na sua adolescência e na época ficou com medo de denunciá-lo. O segundo irmão de Kaike se chama Natanael, tem 31 anos, mora no interior de Manaus e é filho adotivo também. E o irmão caçula de Kaike se chama Carlos tem 30 anos, é dependente químico de drogas e álcool. Roberta relatou que a avó paterna das crianças morreu há cinco anos aos 63 anos de problema intestinal, a mesma tem um histórico de violência doméstica contra os filhos. Já o avô das crianças, conforme já foi dito, tem 71 anos e é portador de transtornos mentais, o mesmo é considerado uma pessoa agressiva. Segundo Roberta, seu Ismael tinha muito ciúme das netas, sendo que ele as perseguia e as agredia fisicamente. Há suspeita de abuso sexual, mas nada comprovado.

Na época do acolhimento de seus filhos, Roberta morava no Maranhão com outro parceiro e havia deixado os filhos na casa do avô paterno. A mesma relatou

Figura 4- Genograma da família de Jéssica e Jeová.



que após a morte do pai das crianças, chegou a morar na casa do ex-sogro, porém ficou deprimida e voltou a usar drogas e álcool e ainda informou que o uso era feito diariamente junto com o tio paterno de seus filhos e os mesmos presenciavam a cena. Roberta soube do acolhimento dos filhos, por sua irmã e disse que no início o seu filho Jeová a rejeitou e não a aceitava, porém, com o passar do tempo Roberta e Jeová ficaram mais próximos.

Caso IV- Fátima (mãe) e Arthur (filho)

Arthur é um adolescente de 12 anos e está acolhido há nove meses por motivos de violência doméstica por parte de sua mãe Fátima, que tem 31 anos e foi criada por sua avó no interior do Pará e relatou que apanhava muito quando era criança. A figura 4 representa o genograma dessa família.

Fátima tem três filhos, sendo dois meninos e uma menina, o mais velho tem 14 anos e é criado por sua avó materna, o adolescente não tem contato e nem vínculo com seu pai biológico e faz mais de dois anos que mãe e filho não se veem. A mesma situação aconteceu em relação a sua segunda filha que também mora com a avó materna, porém não possui contato com a família paterna e pouco fala com a mãe. Fátima informou que morou nove meses com o pai de seu filho mais velho, mas não conseguiu se adaptar a família e somente seu filho caçula

(Arthur) se encontra sobre sua responsabilidade. Fátima tem três irmãos, todos se chamam Pedro (Pedro Augusto, Pedro Antônio e Pedro Paulo), todos moram com a mãe, os três são casados e tem filhos.

Fátima salientou que quando era mais jovem fumava e bebia muito, porém, hoje em dia não faz mais usos dessas substâncias. Ela informou que sua mãe apanhava muito do marido, que não era o pai dela e nem dos irmãos. Fátima tem poucas informações de seu pai e hoje em dia, ambos não mantêm contato. Sobre o histórico familiar do pai de seu filho Augusto, Fátima sabe pouca coisa, afirmou que o ex-marido tem quatro irmãos e que ele apanhava muito dos pais. Também foi informado, que ninguém da família terminou os estudos.

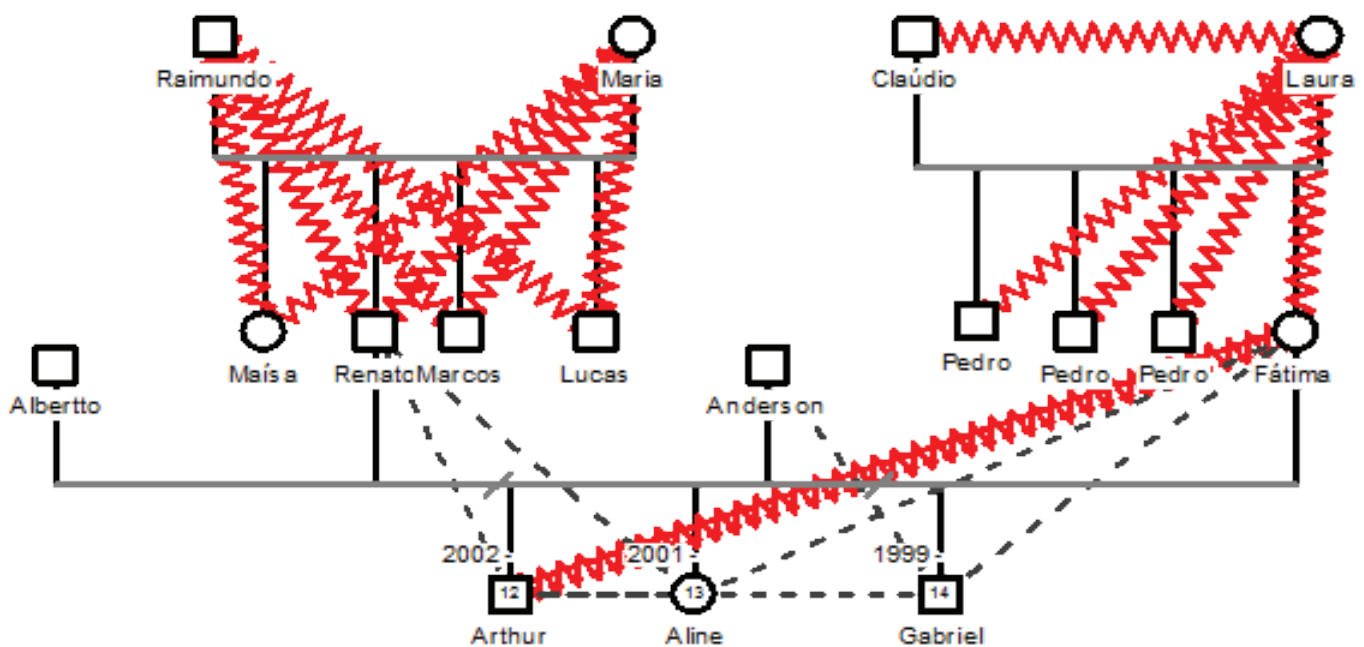
DISCUSSÃO

Os principais eixos temáticos analisados nos quatro casos estudados foram nomeados como: Violência física e vínculos familiares; envolvimento com drogas e álcool e abuso sexual.

Violência física e vínculos familiares

Este eixo temático analisou a presença de um grave quadro de violência física e problemas nos vínculos familiares em todos os casos estudados. Identificou-se no relato dos participantes, que a punição física era utilizada como forma de disciplinar os comportamentos conside-

Figura 5- Genograma da família de Arthur.



rados inadequados. Foi observado que essa atitude foi transmitida transgeracionalmente e era vista no âmbito familiar como “natural”. Na fala de Alice (Caso I), pode-se identificar o que foi descrito acima:

Eu apanhei muito em casa, e nem por isso morri, hoje vejo como aquelas surras foram necessárias naquele momento. Agora não pode dá um tapa num menino desse, que é a maior frescura, eu falava: Evaristo não vai pra rua, ele ia, parece que gostava de me desafiar (Alice).

De acordo com essas falas ficou perceptível como a violência pode se tornar uma forma de comunicação nas dinâmicas dessas famílias, já que a mesma era exercida para enfatizar que as regras estabelecidas não podiam ser contrariadas, conforme foi visto na situação de Evaristo que levou uma surra porque brincou na rua o que consequentemente motivou seu acolhimento.

Nota-se também como está presente, nestes casos, a lealdade invisível, pois esses familiares que praticaram a agressão, sofreram violência física na sua infância e adolescência, logo eles internalizaram por meio de suas crenças familiares que o “bater, dá uma surra ou esbofetear” é um fator que faz parte da criação dos filhos. Os compromissos da lealdade constituem fibras imperceptíveis, porém resistentes, pois mantêm unidos fragmentos complexos das relações na família, tendo como fundamento a preservação do grupo (Kruger, 2010; Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973). Outro dado importante foi que a presença de violência na vida dos familiares desses adolescentes acolhidos foi vivenciada em momentos precoces do desenvolvimento, conforme o relato apresentado por Fátima (Caso IV):

Acho que minha avó me batia, desde quando eu aprendi a andar, lembro que desde que eu era bem criancinha, já levava surra, e não era tapinha não, era surra mesmo, de cipó, de cinto, de sandália (Fátima).

No relato acima, percebe-se que há um ciclo de violência intrafamiliar e nem sempre foram os responsáveis legais pela criança ou adolescente que praticavam o ato. Muitas vezes as agressões partiam de parentes próximos, como irmãos, tios, avós e etc. Os relatos dos participantes revelaram a presença quase que permanente da violência, que é bastante prejudicial nas suas relações (Abaid & Dell’ Aglio, 2014; Zappe & Dias, 2012).

Nos casos citados, foi possível identificar que não há uma clareza nas definições dos papéis no ambiente intrafamiliar, já que não eram apenas os responsáveis legais que agrediam as crianças ou os adolescentes e sim

qualquer um que se achava no direito de realizar tal prática, essa questão ficou visível quando Roberta (caso III) relatou que sua irmã lhe batia e quando Alice informou que seu filho apanhava de diversas pessoas da sua família.

Quando as fronteiras familiares não estão determinadas, a violência doméstica intrafamiliar se torna mais grave, pois as vítimas não conseguem estabelecer ou identificar uma figura de apoio dentro de sua própria família. Possivelmente aderem à crença de que a agressão física é uma forma disciplinadora positiva para o desenvolvimento, quando na verdade acarreta diversas repercussões negativas como: medo, insegurança, baixo autoestima, dentre outros (Carlos, Ferriani, Esteves, da Silva, & Scatena, 2014; Dixon, Browne & Hamilton-Giachritsis, 2005).

Além da violência doméstica, outro fator que merece destaque nessa discussão é a fragilidade dos vínculos na história familiar desses adolescentes institucionalizados. Pode-se perceber que nos quatro casos há rompimento dos vínculos afetivos, por exemplo, nenhum dos adolescentes que estão acolhidos nas instituições tem convívio com seus pais, seja isso por falta de contato, com (caso I e IV), por questão de falecimento (caso III) ou situação de abandono que foi o que ocorreu na história de Raissa (Caso II).

Com exceção do caso III que o pai foi assassinado, pode-se notar que os filhos não puderam manter contato com suas figuras paternas. Mais uma vez aqui ficou visível que os papéis e as funções não estão bem definidos nas histórias dessas famílias e também ainda se tem aquela crença de que o cuidado paterno não é essencial para o desenvolvimento da criança ou do adolescente (Balancho, 2012).

Vale ressaltar que essas famílias geralmente não tiveram a prática do afeto positivo mútuo entre seus membros e a comunicação ocorreu em suas vidas de uma forma brusca e por meio de discussões, agressão física, verbal e até mesmo psicológica. As repetições dos fatores de risco como violência e fragilidades nos vínculos podem estar associadas aos eventos estressores vivenciados durante suas trajetórias de vida e à manifestação de comportamentos desadaptativos durante diferentes fases do seu desenvolvimento (Belfort, Barros, Gouveia & Santos, 2015; Hildebrand, Celeri, Morcillo, & Zanolli, 2015; Castro & Teodoro, 2014).

Envolvimento com álcool e drogas

Nos quatro casos analisados, percebeu-se que o histórico do abuso de álcool e de drogas é frequente nas gerações dessas famílias. Esse fato é identificado no relato

de Glória (Caso II) que teve um marido alcoólatra e os dois filhos dependentes da bebida e das drogas:

“Meu marido quando bebia, surtava, xingava todo mundo, até que um dia eu não aguentei mais, peguei os moleques e me mandei de casa. Para piorar minha situação de vez, meus dois meninos se envolveram com drogas, eles eram novos quando caíram nesse mundo, um depois de muita luta conseguiu se reerguer agora o outro vive até hoje em um centro de reabilitação.”

Na história de Glória diversos fatores interferiram para o uso de drogas e álcool por parte de seus familiares. Pode ser citado o fato de a família ter um distanciamento afetivo com dificuldades nas suas formas de comunicação, como por exemplo: pouco diálogo e relações distantes, além de ter suas fronteiras pouco definidas (Bernardy & Oliveira, 2010). O uso de drogas pelos pais e outros familiares é certamente uma das grandes influências para que os adolescentes se tornem dependentes de drogas, principalmente aqueles com esses mantêm contato frequentemente (Benchaya, Bisch, Moreira, Ferigolo & Barros, 2011).

Nos casos citados pode-se notar que os familiares que faziam uso de alguma forma de droga ou álcool serviram de modelo para outros membros de sua família, como ocorreu na situação de Roberta (caso II). Ela teve seu primeiro contato com as drogas por influência do seu irmão. Também, os filhos de Graça que presenciaram em sua infância o uso exagerado de álcool pelo pai e depois adentraram no mundo das drogas.

Abuso sexual

Dos quatro casos analisados, três possuem histórico de suspeita ou a prática de abuso sexual. Nota-se que os abusos foram mantidos em segredo. Os segredos quando ocorrem para esconder uma situação de risco, como o abuso sexual, favorece para que o sistema familiar permaneça disfuncional, já que a situação tem grandes chances de se tornarem frequentes (Imber-Black, 1994). Essa discussão cabe na história de Alice e sua irmã que foram abusadas pelo padrasto várias vezes já que a sua mãe ao saber do ocorrido, não foi capaz de proteger as filhas e justificava que dependia financeiramente do abusador. Já no relato de Graça (Caso II), a neta foi abusada também pelo padrasto, conforme relato da avó:

Quando ela foi abusada, não morava comigo, portanto isso é problema deles. Eles que se resolvam pra lá.

Percebe-se aqui que a avó não assumiu o papel de protetora diante do suposto abuso sofrido por sua neta, a mesma delegou à responsabilidade a mãe da adolescente. É possível observar como as funções de cuidado

não estão definidas nessa família, já que nem avó e nem a mãe se conscientizaram com a situação da neta, logo este sistema familiar se tornou um fator de risco na vida dessa adolescente. Diante do exposto, é importante que as famílias tenham os seus papéis, estruturas e hierarquias claros, para que em situações consideradas de risco possam tomar as atitudes necessárias (Brito, Rosa & Trindade, 2014; Kruger, 2010).

De acordo com Santos e Dell’Aglia (2009), o abuso sexual intrafamiliar possui uma forma de funcionamento específico, na qual o perpetrador, a criança ou adolescente vítima e a mãe constituem um sistema familiar frágil. Nessas famílias, a situação de abuso sexual é mantida em segredo com o intuito de que permaneça a ilusão de unidade e de que está tudo sob controle (Penso Costa, Almeida & Ribeiro, 2009). No momento em que a situação é revelada, ocorrem alterações na dinâmica familiar e o desafio de rever e estabelecer novos papéis e limites surge para cada membro do grupo.

Em casos de abuso sexual o não rompimento propicia a repetição da violência. O diálogo e uma relação familiar saudável são essenciais para que o ciclo desta violência seja rompido. Dessa forma as barreiras como a vergonha e o medo ficam mais fáceis de serem enfrentadas e as medidas necessárias, como a denúncia e o afastamento do abusador, sejam tomadas (Baía, Veloso, Habigzang, Dell’Aglia & Magalhães, 2015; Lordello & Costa, 2014).

Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005) apontam fatores de risco e de proteção para crianças e adolescentes vítimas do abuso sexual e seus familiares. Entre os fatores de proteção estão o bom vínculo entre os familiares, a boa relação entre a mãe e os filhos, a revelação do abuso sexual e a presença de uma rede de apoio social. Entre os fatores de risco, encontra-se a negação da violência sexual por parte da família, o fato da família depender financeiramente do abusador e a ineficiência da rede de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou os fatores de risco presentes na dinâmica familiar de adolescentes em acolhimento institucional e percebeu-se que esses adolescentes viviam em situação de vulnerabilidade social e que foram expostos às diversas formas de violências como física, sexual e psicológica e foi observado também que os seus responsáveis tinham histórico de conflitos nas suas relações familiares passadas.

Outro fator observado foi a constante repetição transgeracional, principalmente da violência, envolvimento com drogas e abuso sexual, que ocorreu nessas famílias. Também, foi identificado fragilidade nos vínculos afetivos e sérios problemas relacionados ao álcool e drogas. Logo, as situações acima se tornam mais preocupantes, ao se considerar que essas famílias vistas como disfuncionais, afetam diretamente no desenvolvimento desses adolescentes que se encontram no espaço de acolhimento.

O envolvimento com o álcool e as drogas, a violência intrafamiliar e o abuso sexual tornam-se uma questão preocupante em relação aos adolescentes que se encontram em acolhimento institucional, isso porque se presume que estes voltarão a conviver com seus familiares e provavelmente estarão expostos a esses fatores de risco. Percebe-se aqui a necessidade de os técnicos das instituições de acolhimento fazerem um acompanhamento com os familiares, orientá-los sobre questões consideradas mais graves, principalmente estas que interferem de forma negativa na dinâmica familiar.

O trabalho demonstrou a importância da pesquisa qualitativa no meio acadêmico e especificamente dos estudos de casos múltiplos com generalização analítica, pois os mesmos foram realizados no ambiente natural. Algumas dificuldades foram encontradas durante a realização da pesquisa, como a questão burocrática para ter acesso às instituições de acolhimento, o difícil acesso para encontrar os familiares que eram responsáveis pelo adolescente, já que muitos destes não recebiam visitas por diversos motivos e em alguns casos houve resistência de alguns sujeitos para colaborar com a pesquisa, mesmo sendo informando a importância e o objetivo da mesma.

Espera-se que as próximas pesquisas possam colocar em discussão a relação família-adolescente após a saída do espaço de acolhimento ou mesmo realizar estudos com enfoque longitudinal, como por exemplo, analisar as dinâmicas familiares em diversos períodos temporais e que também analisem como se realiza o processo de reinserção familiar do adolescente por parte da instituição de acolhimento.

Diante dessa realidade, fica claro a importância de políticas públicas que possam orientar as famílias, principalmente as que vivem em situação de vulnerabilidade social, na prevenção de exposição a fatores de risco junto às crianças e adolescentes, pois esta é uma das instituições responsáveis pela transmissão de valores, monitoramento e imposição de limites.

REFERÊNCIAS

- Abaid, J. L. W., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Exposição a Fatores de Risco de Adolescentes em Acolhimento Institucional no Sul do Brasil. *Interação em Psicologia*, 18(1). doi: 10.5380/psi.v18i1.29331
- Balancho, L. S. F. (2012). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386. doi: 10.14417/ap.198
- Baía, P. A. D., Veloso, M. M. X., Habigzang, L. F., Dell'Aglio, D. D., & Magalhães, C. M. C. (2015). Padrões de revelação e descoberta do abuso sexual de crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia*, 24(1). doi: 10.5354/0719-0581.2015.37007
- Belfort, P. B., Barros, S. M. M. D., Gouveia, M. L. D. A., & Santos, M. D. F. D. S. (2015). Representações sociais de família no contexto do acolhimento institucional. *Psicologia: teoria e prática*, 17(3), 42-51. doi: 10.15348/1980-6906
- Benchaya, M. C., Bisch, N. K., Moreira, T. C., Ferigolo, M., & Barros, H. M. (2011). Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos adolescentes. *Jornal de Pediatria*, 87(3), 238-244. doi: 10.1590/S0021-75572011000300010
- Bernardy, C. C. F., & Oliveira, M. L. F. (2010). O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Revista Escola de enfermagem*, 44(1), 11-7. doi: 10.1590/S0080-62342010000100002
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (1973). *Invisible Loyalties: Reciprocity in Intergenerational Family Therapy*. New York: Harper & Row.
- Brasil (2009). Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069, de 13 de julho de 1990, atualizado com a Lei Nacional de Adoção (Lei 12.010, de 03.08.2009). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Brito, C. O. D., Rosa, E. M., & Trindade, Z. A. (2014). O processo de reinserção familiar sob a ótica das equipes técnicas das instituições de acolhimento. *Temas em Psicologia*, 22(2), 401-413. doi: 10.9788/TP2014.2-1
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2012). Mitos, Segredos e Ritos na Família II: Uma Perspectiva Intergeneracional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2(1), 14-22.
- Carlos, D. M., Ferriani, M. D. G. C., Esteves, M. R., da Silva, L. M. P., & Scatena, L. (2014). O apoio social sob a ótica de adolescentes vítimas de violência doméstica. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(4), 610-617. doi: 10.1590/S0080-62342014000400006
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Castro, A. M. F. D. M., & Teodoro, M. L. M. (2014). Relações familiares de adolescentes cumprindo medida socioeducativa restritiva de liberdade: uma revisão narrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 22(1), 01-12. doi: 10.9788/TP2014.1-01
- Cavalcante, L. I. C., Silva, S. S. C., & Magalhães, C. M. C. (2010). Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10(4), 1147-1172. Recuperado em 17 de novembro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000400005&lng=pt&tlng=pt.
- Cunha, V. S., & Wendling, M. I. (2011). Aspectos transgeracionais da gravidez na adolescência na perspectiva de mães e filhas residentes em Parobé e Taquara (RS). *Contextos Clínicos*, 4(1), 28-41. doi: 10.4013/ctc.2011.41.04
- D'abreu, L. C. F., & Marturano, E. M. (2010). Associação entre comportamentos externalizante e baixo desempenho escolar: uma revisão de estudos prospectivos e longitudinais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(1), 43-51. doi: 10.1590/S1413-294X2010000100006
- Dixon, L., Browne, K., & Hamilton-Giachritsis, C. (2005). Risk factors of parents abused as children: a mediational analysis of the intergenerational continuity of child maltreatment (Part I). *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46(1), 47-57. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00339.x
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(3), 341-348. doi: 10.1590/S0102-37722005000300011
- Hildebrand, N. A., Celeri, E. H. R. V., Morcillo, A. M., & Zanolli, M. L. (2015). Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 213-221. doi: 10.1590/1678-7153.20152820
- Imber-Black, E. (1994). *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes médicas.

- Kruger, L. L. (2010). A dinâmica familiar no contexto da crise suicida. *Psico USF, 15*(1), 59-70. doi: 10.1590/S1413-82712010000100007.
- Leifer, M., Kilbane, T., & Kalick, S. (2004). Vulnerability or resilience to intergenerational sexual abuse: the role of maternal factors. *Child Maltreatment, 9*(1), 78-91. doi: 10.1177/107755950326118
- Lordello, S. R., & Costa, L. F. (2014). Gestação decorrente de violência sexual: um estudo de caso à luz do modelo bioecológico. *Contextos Clínicos, 7*(1), 94-104. doi: 10.4013/ctc.2014.71.09
- Mcgoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2010). *Genogramas: avaliação e intervenção familiar* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes médicas. (Original publicado em 1966).
- Minuchin, S., & Fishman, H.C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S., Nichols, M., & Lee, W.Y. (2009). Famílias e casais: do sintoma ao sistema. Porto Alegre: Artes médicas.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia, 16*(35), 315-325. doi: 10.1590/S0103-863X2006000300003
- Penso, M. A., Costa, L. F., Almeida, T. M. C. D., & Ribeiro, M. A. (2009). Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares. *Aletheia, 30*(1), 142-157. Recuperado em 17 de novembro de 2015 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Rezende, I. G., Krom, M., & Yamada, M. O. (2003). A repetição intergeracional e o significado atual da deficiência auditiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 19*(2), 177-184. doi: 10.1590/S0102-37722003000200011
- Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Revelação do Abuso Sexual Infantil: Reações Maternas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*(1), 085-092. doi: 10.1590/S0102-37722009000100010
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. B. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico, 39*(1). Recuperado em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1488/2799>
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.
- Zappe, J. G., & Dias, A. C. G. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia, 17*(3), 389-395. doi: 10.1590/S1413-294X2012000300006
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (Daniel Grassi, Trad.). Porto Alegre: Bookman. (Original publicado em 2003).

Submetido em: 2-9-2016

Aceito em: 30-9-2016